



FORMAÇÃO PEDAGÓGICA PARA GRADUADOS NÃO LICENCIADOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA SUL-RIO-
GRANDENSE- CAMPUS PELOTAS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EDUCAR PARA PRESERVAR: ANÁLISE DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL EM ESCOLAS DE MORRO REDONDO-RS

MILENA BEHLING OLIVEIRA

PELOTAS, 2022.

EDUCAR PARA PRESERVAR: ANÁLISE DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ESCOLAS DE MORRO REDONDO-RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral analisar as ações de educação patrimonial realizadas pelo Museu Municipal de Morro Redondo em escolas da mesma cidade. Partindo do questionamento, as ações de educação patrimonial realizadas nas escolas geram um sentimento de preservação nos alunos? Para responder a esta pergunta e o objetivo desta pesquisa, utilizar-se-á uma abordagem qualitativa, e investigará através de narrativas dos professores das escolas se as ações gerarão algum impacto nos estudantes. Como resultado da pesquisa pode-se identificar a importância das práticas patrimoniais em conjunto com a escola; ligação comunidade/escola/museu. Percepção de mudanças nos alunos, mudança de olhar para os lugares; trabalho multidisciplinar, temas transversais e dinâmicas atrativas;

Palavras chaves: Educação; Patrimônio; Escola; Educação Patrimonial; Museu.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país de múltiplas culturas por ter um território extenso e habitado por diversas etnias. A diversidade cultural colabora para a formação da identidade dos indivíduos. Desta maneira, o patrimônio cultural brasileiro abrange várias categorias, não se resumindo apenas em objetos históricos e artísticos (HORTA, GRUNBERG, MONTEIRO, 1999). Sabemos que há ainda outras formas de expressão cultural, como caçar, plantar, cultivar, colher, utilização de plantas como remédios, culinária, danças, músicas, entre outras.

O patrimônio no caso da cidade de Morro Redondo-RS, na qual este trabalho foi desenvolvido, enquadra-se no livro tombo dos saberes, pois se trata do saber fazer doceiro da região. O município de Morro Redondo se localiza na Serra dos Tapes, no interior do estado do Rio Grande do Sul, tendo uma população de 6.227 habitantes segundo o censo (2010). Para manter viva a tradição doceira assim como a de outros patrimônios, há a necessidade de criar instrumentos que ajudem os sujeitos a preservar e perpetuar seus saberes.

Diante disto, os museus podem desempenhar um papel importante, ajudando na preservação, divulgação, memorização e na educação patrimonial. Como é o caso do Museu Histórico de Morro Redondo, que foi criado no ano de 2009, por iniciativa dos moradores do município, com o intuito de preservar e lembrar as memórias locais.

No museu é desenvolvido um projeto¹ de extensão por meio da Universidade Federal de Pelotas, que se localiza na cidade vizinha. Com diversas ações visando, em síntese, à interação do Museu com a comunidade local. Todas as exposições e ações educativas realizadas no Museu tem a participação da população, principalmente dos idosos, pois são protagonistas de diversas ações, como o Café com Memórias. Esta atividade utiliza objetos do acervo do Museu para a evocação de memórias individuais em confluência com as memórias coletivas do grupo; já que se manifestam por meio de relatos orais, de músicas, de brincadeiras e de outros.

No ano de 2018, o fazer doceiro dos doces coloniais de Morro Redondo e região foram registrados como patrimônio imaterial. Diante deste registro, houve um empenho do Museu para que esse saber fazer doceiro ganhasse mais visibilidade e compartilhamento entre a população local. Tendo em vista que também seriam necessárias ações para a salvaguarda deste bem cultural. Assim, o Museu passou a utilizar das atividades já existentes como o Café com Memórias como forma de aflorar as memórias do saber fazer doceiro. Além disso, foi dado início a ações voltadas para a educação patrimonial nas escolas do município.

Refere-se de um processo a longo prazo e sistematizado de trabalho educacional, com foco no patrimônio cultural, sendo essa a fonte principal de conhecimento individual e coletivo. Deste modo, buscamos levar as crianças e adultos envolvidos para um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural (HORTA, GRUNBERG, MONTEIRO, 1999).

A Educação Patrimonial é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. Este processo leva ao reforço da auto-estima dos indivíduos e comunidades e à valorização da cultura brasileira, compreendida como múltipla e plural (HORTA, GRUNBERG, MONTEIRO, 1999, p. 4).

Sabidos que a educação patrimonial é um instrumento de alfabetização cultural e que desempenha um papel significativo para a preservação e propagação da cultura local, o Museu de Morro Redondo deu início a atividades em diversas escolas do município. Portanto, este artigo tem como intuito analisar se as ações realizadas geraram impactos

¹ Museu Morro-Redondense: Espaço de Memórias e Identidades, coordenador: Diego Ribeiro. Trata-se de um projeto de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas. Este projeto, conta com a colaboração de estudantes voluntários, inclusive a autora deste artigo.

nos alunos, referente a preservação dos patrimônios locais, segundo a percepção dos professores.

Visto que pensar sobre educação patrimonial atrelada ao currículo já é algo destacado como fundamental. Além disso, envolve diversos fatores, que devem ser levados em conta para o sucesso das ações. Alguns deles que podemos destacar é as visitas a espaços fora do ambiente escolar, buscar articular os temas trabalhados com a realidade dos estudantes, seja de forma transversal pelos parâmetros curriculares nacionais ou pelo guia básico de educação patrimonial.

A questão é buscar alternativas viáveis, tendo em mente a pluralidade das manifestações culturais e obter apoio das comunidades, das associações, dos grupos que compõem a cidade. Conseguindo assim formas em conjunto de abordar seus patrimônios. Nas escolas nos deparamos com conceitos sobre patrimônio que muitas vezes são abordados de forma rápida devido ao currículo escolar. Porém, sabe-se que conceitos são construídos e estimulados, usando de contextos habituais dos sujeitos.

Sendo assim, o contato prático se faz importante, para que com exemplos reais, da comunidade local encontremos as definições de cultura, patrimônio, memória, identidade. Desta maneira, iniciamos com a realidade, mobilizamos os sentidos. E neste processo, objetos são bem-vindos, fotos antigas, brinquedos, instrumentos de trabalho, todo indivíduo tem sua caixa de memória, objetos que remetem às experiências vividas. Como Bosi (2010) chama de objetos bibliográficos

Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto dos objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a quietude, a disposição tácita mas expressiva. Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais do que ordem e beleza falam à nossa alma em sua doce língua natal. (BOSI, 2010, p. 441).

Esses objetos quando expostos para os alunos, sempre despertam narrativas, como “ah, minha avó tinha um desses”, o que nos ajuda no processo de educação patrimonial, tornando o conceito algo palpável e parte da história de cada sujeito. O papel social atribuído aos objetos supera seu uso comum, ele é simbólico. Baudrilhard (2009) acrescenta dizendo que eles desempenham um papel de testemunhas, um signo de sistemas culturais anteriores, cujo valor é de historicidade, trazendo o significado do tempo.

DESENHOS NARRATIVOS AUXILIAM NA IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Os sujeitos deste estudo são os professores, e para a coleta dos dados foram adotados como instrumentos metodológicos entrevistas e narrativas. Esta pesquisa é de cunho qualitativo e está enquadrada na pesquisa social, dando ênfase às narrativas. A pesquisa qualitativa é um conjunto que engloba diferentes técnicas de interpretação, buscando descrever os componentes em estudo e tem como objetivo compreender e expressar os sentidos dos fenômenos sociais, tratando de diminuir a distância entre teoria e dados (VAN MAANEN, 1979).

Também foram utilizados diários de campo, produção de registros fotográficos, gravação de áudios. Optou-se pelo uso de narrativas por ser um bom instrumento, que harmonizam a relação entre sujeito e entrevistador, possibilitando melhor interpretação e contribuição para a pesquisa.

Segundo Benjamin (1994, p. 105), narração é o que é capaz de transmitir, “matéria de tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva”. O autor escreveu em seu texto, *O Narrador* (1994, p. 198), “as ações da experiência estão em baixa”. Essa experiência da qual nos fala está fixada nas práticas da arte da narrativa: Ainda, Benjamin (1994, p. 197-198), comenta que “quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Já a narrativa para o autor Certeau (1994), diverge de uma simples técnica de descrição. Narrar uma história é criar um espaço para a ficção, é a arte de dizer e de fazer a história.

Para a análise dos dados foram coletadas narrativas de 3 professoras, sendo cada uma delas de escolas diferentes do município de Morro Redondo. Para isso foi utilizado como base um roteiro semiestruturado de perguntas para a realização das entrevistas. Desta forma, as questões foram sendo respondidas de forma fluida, o que garantiu o desdobramento das narrativas, não especificando ordem de respostas.

As entrevistas/narrativas foram realizadas de forma presencial inicialmente e, após, de forma virtual, devido a nos encontrarmos em uma pandemia. Assim, se fez necessário utilizarmos do meio virtual, como o aplicativo google meet, para finalizar a coleta de dados.

De forma clara e sucinta a entrevistadora se apresentou para as entrevistadas e explicou o intuito da pesquisa, visto que os sujeitos já se conheciam pela a participação

em atividades do Museu por ambas as partes, a conversa foi se desenvolvendo de forma a deixar os participantes à vontade. Também cabe destacar que as entrevistadas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido para a participação na pesquisa.

EDUCAÇÃO E CULTURA: O PATRIMÔNIO LOCAL A SERVIÇO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A educação patrimonial dialoga de forma positiva no processo de ensino-aprendizado, desenvolvendo um papel interdisciplinar e possibilitando com que os alunos utilizem de seus conhecimentos do cotidiano, de suas crenças e costumes para a construção do conhecimento.

Para sustentar nossos argumentos de uma educação correlacionada com o patrimônio, a escola “freiriana” nos diz que um dos itens da educação é o conceito antropológico de cultura. Contrapondo que este assunto é inevitável em todos os contextos e que os sujeitos utilizam de suas realidades no processo de aprendizagem. Sendo assim, a cultura faz parte do processo de “alfabetização cultural” utilizado por Freire como uma forma de incluir as manifestações populares nessa metodologia (SILVEIRA, BEZERRA, 2007).

O tema cultura foi um dos pontos primordiais apresentados para compor um método para incentivar a alfabetização e a assimilação do mundo de forma crítica, Freire ressalta:

Pareceu-nos, então que o caminho seria levarmos o analfabeto, através de reduções, ao conceito antropológico de cultura. [...] descobrir-se-ia criticamente agora, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que ele, como o letrado, ambos têm um ímpeto de criação e recriação. Descobriria que tanto é cultura um boneco de barro feito pelos artistas, seus irmãos do povo, como também é a obra de um grande escultor, de um grande pintor ou músico. Que cultura é a poesia dos poetas letrados do seu país, como também a poesia do seu cancionero popular. Que cultura são as formas de comportar-se. Que cultura é toda criação humana. (FREIRE, 1963, p. 17).

Através dos pensamentos de Freire, pode-se perceber o seu comprometimento com os valores, as experiências sociais e o próprio contexto cultural dos sujeitos. Há uma sensibilidade ao pensar a educação por essas vertentes, mas por Freire possuir um contato com as classes populares, seus pensamentos encontraram um cenário propício para se pensar a educação de forma que envolva a cultura.

Também tema central na proposta político-pedagógica de Paulo Freire, a cultura é uma forma de dialogar com os indivíduos, podendo servir de instrumento mediador

entre professor e aluno, como salientado por Peroza (2012) “A dialeticidade que deve haver entre educação e cultura é a condição para que o conhecimento, resultado da investigação que brota desta relação, seja realmente significativo entre educandos e educadores” (PEROZA, 2012, p. 4).

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E A RELEVÂNCIA DE UM MUSEU VIVO

Para De Varine (2012), a educação patrimonial é uma ação global, focada nos indivíduos e sua localidade. Sendo assim, utilizam de meios como a escola, o museu para alcançar seu objetivo, que para o autor é o desenvolvimento local. Assim, levando o maior número de sujeitos da comunidade a conhecer e utilizar o seu patrimônio.

As crianças são um meio de chegarmos ao restante dos sujeitos, pois elas agem dentro de suas casas, envolvendo seus familiares e narrando os conhecimentos construídos na sala de aula. Desta maneira, percebemos que é por meio das futuras gerações que podemos levar a cultura para todos (DE VARINE, 2012). O autor ainda destaca que:

Na classificação de Paulo Freire, ela não é “bancária”, mas libertadora, uma vez que participa da emergência da confiança em si, da capacidade de iniciativa, do reforço da identidade social e cultural, da coesão social pelo compartilhamento de um patrimônio comum (DE VARINE, 2012, p. 137-138).

E é neste intuito, de um compartilhamento de um patrimônio comum, que as atividades entre museu e escola são desenvolvidas. Exemplo disto, é que as professoras solicitaram que os alunos conversassem com seus avôs, que perguntassem sobre os doces que eram feitos pela família. Assim, com esse contato inicial, despertamos a curiosidade nos estudantes, que vem a ser aguçada após as atividades do museu.

Mas o que seria este museu vivo de que me refiro? Creio que um ótimo exemplo é o museu Municipal de Morro Redondo, e já explico o porquê deste meu argumento. Este museu surge em 2006 pela motivação da comunidade, mais especificamente pela vontade de memória de três idosos, Sr. Antonio Reinhard, Sr. Osmar Franchini e o Sr. Ervino Buttow. Os objetos que fazem parte do acervo do museu foram inicialmente adquiridos por uma campanha de doação realizada pelo rádio por um dos fundadores, Osmar Franchini. Assim, a maioria das coleções são formadas por objetos que ajudam a contar a história local, representando a vida e os costumes ligados ao rural.

O museu ainda desenvolve ações contínuas como o café com memórias, a caminhada da percepção, onde idosos caminham com grupos pela cidade, narrando sobre os lugares e as

transformações sofridas com o tempo. Portanto, um museu vivo é um museu que interage com a comunidade, que busca formas de estar presente na vida dos sujeitos, que ajudam a contar histórias em conjunto com os indivíduos. Ele está incluso, colabora e participa de ações. Todavia, de acordo com Lourenço (1999, p. 15), esse termo museu vivo surge como um dialeto, utilizado pelos museus de arte moderna, no período pós guerra, para se opor à concepção de museu tradicional. Deste modo, o museu vivo seria algo dinâmico e não visto apenas como um local para preservação do passado.

AS AÇÕES PARA A RESSONÂNCIA DO SABER FAZER DOCEIRO

Primeiramente, precisamos falar de ressonância, o que seria este termo? Para que ela serve? Qual seu efeito nos sujeitos? Respaldados por Gonçalves (2005), acreditamos que o patrimônio deve ser fruto de uma coletividade e definido com participação da população, sendo que os indivíduos precisam encontrar pertencimento, identidade com o bem em questão e, conseqüentemente, ressonância. Deste modo, assim como Gonçalves (2005), fundamentados por Stephen Greenblatt (1991), entendemos por ressonância:

O poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar em quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque (GREENBLATT, 1991, p. 250).

Tendo este conceito como um dos objetivos dos trabalhos de educação patrimonial, demos início às atividades. O Museu estabeleceu contato com os responsáveis das escolas para convidá-los a participar das ações e para que os mesmos disponibilizassem horários para que os voluntários do Museu pudessem realizar atividades com os alunos.

Não foi delimitado uma idade para as atividades, portanto a cada dia os voluntários do Museu se depararam com turmas de idades diferentes. Quem determinava a turma que iria participar era a própria escola em conjunto com os professores, visto que neste primeiro momento não seria possível realizar as atividades com todos os alunos das escolas.



Figura 1: Educação infantil com o tacho.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo.



Figura 2: Atividade com o tacho nas escolas.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo.

Sendo assim, a escola comunicava a turma que iria participar da intervenção e a partir disso era organizado uma ação de acordo com a idade dos alunos. Foi possível desempenhar dinâmicas com diversas faixas etárias, desde o maternal, até os alunos do nono ano. É de relevância destacar que os idosos que participam das atividades do Museu também estiveram presentes nessas ações.



Figura 3: Visita ao museu dos alunos do ensino fundamental.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo.

Em algumas atividades além da presença dos idosos, também foi levado até as escolas um tacho² de fazer doce, assim era realizado uma simulação do fazer doceiro, além da narrativa do idoso que acompanhava a ação e explicava como era feito o preparo.



Figura 4: Ação realizada na escola Alberto Cunha.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo. 2018.

² Recipiente de ferro, cobre, utilizado para o preparo de alimentos.

Por meio da história local, proporcionamos aos estudantes um contato direto com o passado, fazendo com que eles percebam que esse passado de certa forma também é o deles. Assim, se estabelece uma relação entre a micro e macro história, onde os alunos podem trazer suas experiências pessoais e encontrarem sentido nos saberes locais. Estimando sua existência como agente social deste processo histórico e compreendendo que:

o trabalho com a história local pode ser instrumento idôneo para a construção de uma história mais plural, menos homogênea, que não silencie a multiplicidade de vozes dos diferentes sujeitos da História” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p.113).

Como é o caso dos doces coloniais, que abordamos nesse estudo, há várias etnias envolvidas nos saberes doceiros. E ações como estas trazem essas informações, que muitas vezes são desconhecidas. À vista disso, volto a destacar o museu como meio de abrir caminhos para divulgar, debater e compartilhar os saberes.



Figura 5: Educação patrimonial, ensino médio.
Fonte: Acervo Museu Histórico de Morro Redondo, 2018.

Percorrer o caminho do entendimento de patrimônio como espaço de memória é importante para termos bens culturais pulsantes. E esses patrimônios locais são essenciais para potencializar o processo de ensino-aprendizagem. Assim, mobilizamos e sensibilizamos tanto estudantes quanto professores envolvidos em atividades de educação patrimonial. Outro ponto a ser destacado neste processo, é de compreender o patrimônio cultural como um lugar que concentra, ancora várias memórias e que estas podem ser de muitas temporalidades. Pois os lugares sofrem alterações ao longo dos anos, mas suas memórias continuam ancoradas no local e em busca de sujeitos dispostos a ressoar e dar vida a elas. Consequentemente, tivemos como objetivos dessas ações valorizar os

conhecimentos prévios dos alunos, os saberes passados por suas famílias, para que assim, despertasse uma ligação e participação nas atividades pedagógicas.

EDUCAR PARA PRESERVAR

De acordo com Mário Chagas (2006), é relevante destacarmos que a educação é uma prática socio-cultural. Sendo assim, podemos falar de um caráter indissociável da educação e da cultura, ou ainda segundo o autor não podemos separar educação de patrimônio.

Há um movimento que vem se intensificando ao refletir sobre a educação escolar, e um dos pontos salientados é a complementaridade entre as disciplinas obrigatórias do currículo e as extracurriculares e extraclasse. Já percebemos os pontos positivos que essas atividades trazem para os alunos, qualificando a formação escolar e também a de cidadão.

Quando abordamos a educação patrimonial, precisamos enfatizar alguns fatores, como: “o lugar da educação patrimonial na formação de cidadãos; o lugar pedagógico da educação patrimonial entre as atividades curriculares e extracurriculares” (VERGARA, 2005, p.92). E essas afirmações podemos confirmar através da narrativa de uma das professoras entrevistadas.

Eu vou te dizer assim, eu tenho 60 anos, quase 61. Fiz 39 anos de magistério, então assim ó, pra mim a educação só tem sentido com essas ações, e é visivelmente aparente a transformação dos alunos e a aprendizagem deles. Então assim ó, pra mim é a coisa mais certa que tem. Esse ano ta mais parado né, mas outra coisa assim é uma motivação para o professor também, porque a gente ta tão deixado de lado né que eu mesmo todas as vezes que eu participei lá, aquilo me dava um ânimo pra criar mais, para inventar mais coisas (FELDENS, 2019).

Paulo Freire já nos falava de uma educação para o patrimônio, onde o estudante tenha a oportunidade de fazer parte da construção de sua identidade. Atividades e práticas

dentro e fora do ambiente escolar colaboram para esta construção. Propostas elaboradas em conjunto, escola, professores, comunidade, associações propiciam um ambiente favorável para trabalhar a educação patrimonial, estimulando o pensamento crítico, reflexivo e humanista.

Então assim, gente, vocês não tem noção, as crianças, depois eu caminhar, eu gosto muito de caminhar com eles, vou na praça ali 12 de maio e depois aquele aluno que tinha mais dificuldade de aprendizagem dentro da sala de aula, até posso buscar o aluno assim né, ele era o melhor aluno nas perguntas, nas atitudes dentro do museu com os idosos e depois ele foi pra outra série, eu não sei que série ele ta agora, mas eu já vi que ele reprovou, então essa coisa assim de despertar naqueles que às vezes a gente pensa que não aprendem e eles aprendem muito mais assim (FELDENS, 2019).

Por meio da educação patrimonial podemos instigar a percepção, a análise dos objetos expostos, levando os seus observadores a compreender os aspectos políticos, culturais, históricos, econômicos e sociais que aquele objeto representa e nos conta de uma época (DE MEDEIROS; SURYA, 2009). Despertar uma relação de afeto da comunidade pelo seu patrimônio, emergindo um processo de aproximação e apropriação da comunidade;

Esse tipo assim que tu pensa que nem foram sentido pela turma e ai vem os alunos e te dizem, mesma coisa assim ó, eles passam na praça depois que a gente caminhou ali com os idosos, passam na praça e eles sabem que aquilo ali era uma encerra de bois, os outros estão ali e acham que sempre foi praça, eles não, eles tem uma visibilidade diferente, então eu acho, eu penso assim as vezes, tu te lembra das provas ou coisa assim, mas de alguma coisa que tu fez diferenciada, tu grava e não te esquece nunca mais e as vezes tu consegue resgatar um aluno por meio dessas atividades. Eu acho que a escola precisava mais dessas partes assim, como dizia Paulo Freire (FELDENS, 2019).

O livro de Mauri Bessegatto (2004), “O patrimônio em sala de aula”, aborda e traz para debate reflexões sobre o patrimônio cultural do cotidiano, das pessoas, rompendo com a tradição de abordá-lo como bens monumentais e das belas artes, produzidos pelas elites do passado. O autor trabalha, portanto, na perspectiva de uma democratização do conceito de patrimônio cultural, e adota uma acepção crítica, comprometida com concretas ações transformadoras.

Na tua perspectiva, o que significa patrimônio? Eu acho que tem haver com o patrimônio que a gente pode tocar né o material e tudo aquilo que a gente deixa assim que são as memórias, que ficam também, que seria tudo aquilo que a gente lembra, que a gente guarda, sente (VALÉRIA, 2021).

Uma apropriação consciente e crítica das comunidades e sujeitos dos seus patrimônios, são elementos indispensáveis para o desenvolvimento da preservação sustentável dos bens culturais. Contribuindo assim também para a consolidação dos sentimentos de identidade e cidadania. Perceber as diversidades existentes colabora para o desenvolvimento de tolerância, valorização e respeito às diferenças culturais, e da noção de que não existem “povos sem cultura”, assim como também não existe cultura melhor ou pior que outra (DE MEDEIROS; SURYA, 2009).

Tu acha que o patrimônio pode significar, tu acha que o patrimônio contribui para a educação? A sim né, tudo que tu deixa, tudo aquilo que alguém deixou para gente ou que a gente criou é um patrimônio né, então a escola é um patrimônio, o que a gente faz na escola é um patrimônio, se tu for conversar com os alunos agora mesmo em tempo de pandemia tu vai ver o quanto de patrimônio nos vamos deixar ao longo dos anos nos alunos. Não sei se é bem isso, mas é como eu vejo (VALÉRIA, 2021).

Levar as crianças a compreender esses bens culturais de forma lúdica, despertando um processo de conhecimento, e valorização de sua herança cultural (DE MEDEIROS; SURYA, 2009). Que suas manifestações culturais sejam presente diariamente, desta forma teremos ressonância pelos patrimônios.

E as ações realizadas nas escolas pelo museu, tu acha que tiveram impacto na vida dos alunos? O que tu conseguiu perceber? Ah eu acho que tudo que a gente construiu junto foi de grande valia, como a visita que a gente fez na praça com os meus alunos, na caminhada da percepção, eles nunca mais se esqueceram, depois a gente foi no museu né, e fez também aquele trabalho sobre as memórias, então eu acho assim, se eu perguntar para eles eles vão saber, são as coisas mais ricas que a gente cria na educação. Eu sou uma professora que acredita na educação não só no conteúdo, mas também como essas coisas são conteúdo também (VALÉRIA, 2021).

O museu se torna um elemento fundamental a ser considerado, pensando em estratégias e políticas de progresso, ele não só proporciona um repositório de história e

de cultura, como também é um agente dinâmico e potente a serviço da comunidade (MENDES, 2013).

Tu acha que as ações realizadas pelo museu ajudaram os professores de alguma forma? Eu acho que sim, as vezes as coisas que tu propõem são difíceis de ser aceitas, mas tudo é de uma luta, mas eu sinto que aqui na escola onde eu trabalho se tornou parte nossa, fazer essas coisas ligadas ao patrimônio, esses trabalhos com o museu, se tornou parte da nossa construção, do nosso projeto político pedagógico, então quem entra na escola já sabe que é assim (VALÉRIA, 2021).

O museu além de trabalhar com a cultura, perpetua a preservação e a memória social, além disso, desempenha a função de educar, proporcionar lazer e produção de conhecimento (MOURA, 2008). Com isso, percebemos que a ligação entre escola e museu se torna sólida e conseqüentemente um espaço relevante e atraente para os alunos. O fazer pedagógico tem um ganho maior quando o professor leva em consideração esses outros lugares de conhecimento e os interesses dos seus alunos, em vez de apenas seguir os preceitos da estrutura curricular.

Braun (2007) ressalta que sair de aulas comuns, entre quatro paredes, rompe com uma postura pedagógica de reprodução que vivenciamos há anos. Esta que não possui significado para os estudantes, buscar outros meios e espaços é “educar e ensinar a ler a vida com mais emoção, através de tarefas mais abertas, interativas e complexas” (BRAUN, 2007, p. 269).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre as práticas patrimoniais em conjunto com o meio escolar se tornou essencial para a ressonância das culturas na comunidade. E de acordo com os relatos dos entrevistados, foi possível confirmar a importância de ações e parcerias entre o meio acadêmico, comunidade e escola. Desta forma, os museus locais podem ser o caminho para se buscar essa ligação entre comunidade escolar e bens culturais.

De acordo com as narrativas das professoras entrevistadas, é possível perceber mudanças relacionadas à preservação dos patrimônios nos alunos. Visto que, após as atividades realizadas em parceria com o museu, os alunos participantes possuem um olhar diferenciado para os locais visitados em uma caminhada da percepção, por exemplo. Levar o tacho para as escolas também causa um impacto nos estudantes, apesar de ser

possível perceber que de início causa um estranhamento, após um tempo o tacho vira brincadeira e junto com elas as memórias de infância, as lembranças dos avós. É a história vivida, que se torna patrimônio comum.

De fato, ter este contato e conhecer o seu patrimônio tem reflexos benéficos na vida dos estudantes, desperta a curiosidade, a compreensão do universo sociocultural em que os indivíduos estão inseridos e sua trajetória histórica-temporal. Além disso, oportuniza a escola debater e trabalhar vários temas transversais como, igualdade, cidadania e diversidade. E diversas disciplinas obrigatórias do currículo escolar, de forma diferenciada, dinâmica e prática. Desta forma, ao incluir os patrimônios em sua “sala de aula” o professor só tem a ganhar, com didáticas mais atrativas e valorização do aluno e sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 5. ed. Trad.: Zulmira R. Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. IN: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221. p. 105.

BESSEGATTO, Mauri Luiz. **O patrimônio em sala de aula**. Fragmentos de ações educativas. 2ª ed. Porto Alegre: Evangraf, 2004, 80p.

BOSI, E. **Memória e sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRAUN, Ani Maria Swarowsky. Rompendo os muros da sala de aula: o trabalho de campo na aprendizagem de geografia. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, jan./jun. 2007, p. 250- 272.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Patrimônio cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005.

CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 23, p. 21-31, 1994.

CHAGAS, Mário. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação.

DE MEDEIROS, Mércia Carréra; SURYA, Leandro. **A Importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio**. 2009.

DE VARINE, Hugues. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Trad. de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012. 256p.

FREIRE, Paulo. **Conscientização e Alfabetização**: uma nova visão do processo. Revista de Cultura da Universidade do Recife. Nº 4; Abril-Junho, 1963.

GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 244-261.

HORTA, Maria de Lourdes; Grunberg, Evelina; Monteiro, Adriane. **Guia Básico de Educação Patrimonial**, Iphan, 1999, p. 68.

LOURENÇO, Maria. C. F. Museus acolhem moderno. São Paulo: Edusp, 1999.

MENDES, J. Amado; DO PATRIMÓNIO, Estudos. Museus e educação. **Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra**, 2013.

MOURA, Rafael Muniz de. O gerenciamento de projetos aplicado a exposições museológicas. Revista Eletrônica Jovem Museologia, vol. 3, nº 5, 1º/2008.

PEROZA, Juliano. **Reflexões sobre cultura e diversidade cultural em Paulo Freire**: um humanismo crítico para a transculturalidade em educação. IX ANPED SUL seminário de pesquisa em educação da região sul.2012.

Revista Eletrônica do Iphan. Dossiê Educação Patrimonial Nº, 2006.

SILVA, Flávio Leonel Abreu; BEZERRA, Marcia. **Educação patrimonial: perspectivas e dilemas**. IN: Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos. Nova letra, 2007.

VAN MAANEN, John. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. **Administrative Science Quarterly**, v.24, n.4, p.520-526, 1979.